

## ÉTICA E FILOSOFIA UBUNTU: DA PROBLEMÁTICA DA CONCEPÇÃO AO DEBATE EPISTEMOLÓGICO

Manuel Cochole Paulo Gomane<sup>1</sup>

**Resumo:** O Ubuntu é o fundamento da intersubjectivação na busca de valores africanos, se pensada como um paradigma, ela não pode ultrapassar os caminhos epistemológicos rumo a sua legitimação. É nesta vertente que colocamos o desafio de re-construção dos pergaminhos epistémicos sólidos como suporte dos alicerces da Ética Ubuntu. Nesta vertente, consolidados os caminhos epistémicos, colocamos como ponto de reflexão uma recontextualização da Ética Ubuntu, repensada à partir de uma perspectiva ética primeiramente particular [-umuntu] e depois comunitária [-Ubuntu]. Colocamos assim, duas vertentes interligadas entre si: consciência ética individual e consciência ética comunitária. Isto é, a Ética Ubuntu deve ter em conta a *integração no respeito da dignidade e das particularidades de cada pessoa em grupo*<sup>2</sup>. Dizemos assim, que o caminho perspectivas éticas só são possíveis depois da consolidação do caminho epistémico.

**Palavras-Chave:** Ética Ubuntu; Epistemologia; Ética Particular, Ética Comunitária.

**Abstract:** Ubuntu is the fundament of inter-subjectivation in the African values searching, if it is thought as a paradigm, it can't overtake epistemological ways in course to its legitimacy. It is in this slope that we give a challenge to ourselves of reconstruction of solid epistemic parchments to suppose it as basis of Ubuntu Ethics. In this slope, having consolidated the epistemic ways, we put as reflection point a Ubuntu Ethics re-contextualization, rethought through primarily a particular ethic [-umuntu] and, secondarily, through a communitarian [-ubuntu]. We consider, in this way, two slopes inter-linked between them: individual ethics conscience and communitarian ethic conscience. That is, Ubuntu ethics must consider the integration of dignity and particularities of each person in group respect. We think that the ethics perspectives ways are only possible after epistemic way consolidation.

**Key-words:** Ubuntu Ethics, Epistemology, Particular Ethics, Communitarian Ethics.

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Pedagógica – Moçambique. Doutorando em Filosofia Contemporânea (UFBA). Universidade Federal da Bahia-UFBA. [manuelcochol@gmail.com](mailto:manuelcochol@gmail.com)

<sup>2</sup> NGOENHA & CASTIANO (2011, 70).

## 1. Contextualização das premissas

*A ética é daquelas coisas que todo mundo sabe o que são, mas não são fáceis de explicar quando alguém pergunta*<sup>3</sup>, por um lado. Por outro lado, *pensamos que a filosofia 'Ubuntu-africana' aparece com um horizonte teórico que dá uma certa consistência na justificação ontológica, epistemológica e ética para a subjectivação, ou melhor, para o movimento da subjectivação*<sup>4</sup>; logo: O Ubuntu é daquelas coisas que todo mundo epitermicamente pensa que sabe o que é, mas parecem não ser fáceis de explicar.

Estas são as premissas de partida para uma reflexão sobre a perspectiva ética do 'ubuntu', visto que, segundo Castiano (2010), *o que destaca o 'umuntu' é, entre outras, a sua moralidade, a sua experiência e a sua sabedoria sobre verdades. Em outras palavras, na caracterização do Ser humano está no centro não o acto de o ser, mas sim a sua actividade como homem*. O Ubuntu é uma 'filosofia-ética' contextual ou particular, *Ela* [Filosofia Ubuntu], têm o direito de reclamar o seu lugar nas categorias filosóficas universais dos paradigmas da intersubjectivação.

A filosofia hoje não procura apenas responde as velhas e actuaes questões Ocidentais, que consistem *[na critica] em não contentar-se em interpretar o mundo mas em lutar para a sua transformação*<sup>5</sup>. O debate sobre a filosofia África é actualmente um pergaminho na busca de modelos epistemológicos que fundamentam as *respostas*<sup>6</sup> aos problemas da filosofia contemporânea. Dos diversos paradigmas, a filosofia africana não consegue distanciar-se da questão *como podemos interpretar a filosofia contextual africana hoje?* Para alguns filósofos, em particular RAMOSE (2009), o Ubuntu<sup>7</sup> é a base da filosofia africana, é nesta filosofia onde podemos encontrar pergaminhos na construção de uma filosofia africana que tem como referências a ideia da justiça à partir de uma *Filosofia*

---

<sup>3</sup> VALLS (1994,7)

<sup>4</sup> CASTIANO (2010, 147)

<sup>5</sup> NGOENHA (2011), UBUNTU: NOVO MODELO DE JUSTIÇA GLOLOCAL? Pg. 67.

<sup>6</sup> A filosofia africana profissional tem a responsabilidade epistémica de se abrir para o conjunto de saberes de natureza filosófica sugerida pelas tradições africanas [...]. quando falamos de responsabilidade epistémica queremos referir-nos à necessidade e o dever que a filosofia africana profissional tem em construir e, em muitos casos, inventar espaços de intersubjectivação nos quais os sábios das filosofias tradicionais possam fazer circular e desenvolver as suas posições críticas e, sobretudo, as suas utopias sociais (CASTIANO, 2010: 222).

<sup>7</sup> Ubuntu consiste de duas Palavras numa só. O prefixo *ubu-* e a raiz *ntu-*. *Ubu* invoca a ideia do ser, no geral. Este conceito ético enfatiza as alianças entre as pessoas e as relações entre esta. Trata-se de uma categoria epistémica e ontológica fundamental do pensamento africano dos grupos que falam a língua Bantu. RAMOSE (1999). GLOBALIZAÇÃO E O UBUNTU. In: Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (2009), Epistemologias do Sul. Edições Almedina, Coimbra – Portugal

*Ubuntu*. Para Ramose<sup>8</sup> as filosofias africanas e outras próximas, igualmente silenciadas, são primeiramente filosofias de libertação. A filosofia do Ubuntu nos dará um exemplo disso. O caminho é irremediavelmente epistemológico, para qualquer tipo de fundamentação epistémica, quer de ponto de vista ético, ontológico, metafísico ou religioso.

Para nós, as categorias de pensar uma filosofia africana, numa primeira fase, uma filosofia moral e cultural [perspectiva ética] estariam sobre pressupostos de uma tentativa de reconstrução de uma 'justiça social'<sup>9</sup>. Nesta aspecto, Ngoenha (2011), afirma que o Ubuntu [no sentido de justiça] é uma alternativa a *verdadeira questão glocal hoje – no sentido que interpela as relações entre os grupos no interior de todas as sociedades, mas também a relação entre as diferentes partes do mundo – a justiça*<sup>10</sup>.

Para o autor anteriormente referenciado, a filosofia *Ubuntu* tem a particularidade de através do seu conceito operatório [Ubuntu] contribuir para uma ideia de justiça restaurativa. E a justiça restaurativa, apela-nos ao Ubuntu como um modelo ético universal, não obstante a sua génese contextual, conscientemente a justiça restaurativa esta na génese da filosofia Ubuntu.

Neste contexto, corroborando com Ngoenha<sup>11</sup>, o *Ubuntu*<sup>12</sup> esta intrinsecamente ligada a uma ideia de justiça social, é uma resposta a questão da alteridade e da relação entre o *outro*<sup>13</sup>, no sentido de alternativa aos paradigmas contextuais das correntes da filosofia africana [a intersubjectivação].

É na Filosofia Ubuntu como paradigma actuante que se fundamente a ideia de uma alternativa as 'éticas contextuais'<sup>14</sup>, fundamentando-se nas éticas comunitária, isto é, *Umuntu ungununtu ngabantu*<sup>15</sup>. Ademais, segundo Castiano (2010, *na óptica de Ramose (1999,51)*)<sup>16</sup>, *há ainda que diferenciar o termo ubu do termo umu nas línguas bantu. Enquanto o ubu*

---

<sup>8</sup> Cfr. RAMOSE M.B (2011)

<sup>9</sup> A filosofia africana, por seu lado, reclamou a justiça, primeiro como reconhecimento da dignidade humana dos africanos, depois como direito a soberania política. Hoje a questão de fundo é a possibilidade de utilizar os recursos africanos para o desenvolvimento do continente, o acesso aos mercados internacionais contra as barreiras proteccionistas dos potentes, uma soberania alimentar, direito a não ser sufocado pelos sistemas da dívida. (NGOENHA, 2011: 68)

<sup>10</sup> Cfr. Ngoenha (2011), UBUNTU: NOVO MODELO DE JUSTIÇA GLOLOCAL? Pg. 68.

<sup>11</sup> Idem

<sup>12</sup> *Ubuntu, isto é, a socialidade e a comunhão* (Ngoenha, 2013: 214).

<sup>13</sup> “A pretensão ocidental de epilogar a linguagem e as formas segundo as quais o acontecimento humano podia surgir, ou ainda monopolizar a própria ideia do futuro, não era mais do que uma ficção”. MBEMBE, Achille (2014, 14).

<sup>14</sup> Éticas comunitárias

<sup>15</sup> Ser *Ser* humano é reconhecer a sua humanidade reconhecendo a humanidade dos outros (tradução mais próxima).

<sup>16</sup> CASTIANO, José P. REFERENCIAIS DA FILOSOFIA AFRICANA: Em busca da Intersubjectivação. Ndjira, Maputo, 2010, Pg. 157.

*expressa o Ser na sua forma mais geral, o umu expressa o Ser mais específico que, junto a ntu, portanto umuntu, expressa um Ser específico, o Ser humano — enquanto político, religioso e sobretudo enquanto uma entidade moral.*

## **2. Ubuntu: repensando o caminho epistémico**

*“O que é acreditar na verdade de uma teoria científica? Tal consiste, antes de mais, em acreditar na possibilidade da posição e determinação do objecto no mundo”*<sup>17</sup>. As ciências se fundamentam epistemologicamente a medida que consolidam as suas categorias filosóficas glocalmente e globalmente, num dialogo permanente com as epistemologias contemporâneas, que também são contextuais. Isto é, com base em referências e referenciais intersubjectivas que as fazem ser o que são. O Ubuntu é nesta perspectiva uma evidência epistémica, tomando a evidência como a descrição daquilo que é em si, esteticamente ou culturalmente verdadeiro, independentemente da sua objectivação ou intersubjectivação. Para GIL<sup>18</sup>, *“a evidência é a verdade; a verdade da evidência é também a evidência da verdade, uma das hipóteses [...] é que a evidência trabalha todo o pensamento da verdade, [essas verdades] são-nos indispensáveis para enunciar e estruturar a nossa experiencia do mundo e de nós mesmos”*<sup>19</sup>. Deste modo, a construção epistemológica do Ubuntu como evidência de uma determinada cultura, a sua estruturação e sistematização como modelo ético alternativo que tende a experienciar um paradigma contextual válido para o mundo é irrevogável.

Ora, ilustramos um juízo apriorístico seguindo as seguintes premissas: (i) *se o conhecimento, enquanto reivindicação à verdade, é empírico por natureza*<sup>20</sup>. *O metafísico e o empírico partilham algo entre si.*<sup>21</sup> (ii) *se o metafísico e as questões reactivas ao conhecimento empírico (a epistemologia) pertencem aos domínios da filosofia, [...], entendida como coincidência e tensão entre as crenças e conhecimentos, [O UBUNTO] pode ser considerada uma problemática legítima da filosofia [epistemologicamente]*<sup>22</sup>. É precisamente como problema filosófico que perfilamos o Ubuntu nas categorias epistémicas para uma reflexão da *Ética Ubuntu* como alternativa aos modelos actantes da filosofia contemporânea.

---

<sup>17</sup> TUNHAS (2012: 25)

<sup>18</sup> GIL (1995: 9)

<sup>19</sup> Idem

<sup>20</sup> PASSAMOR, 1968: 368; AYER, 1974: 12, Citados por RAMOSE (2009).

<sup>21</sup> Idem

<sup>22</sup> Cfr. RAMOSE (2009: 136).

### 3. *Ética Ubuntu: Um modelo de intersubjectivação*

Assumir que a ética é uma disciplina transcendental, é aceitar que as nossas decisões éticas também são, é colocar a ética numa dimensão apenas metafísica. Para nós, além da dimensão metafísica, a ética deve abarcar fundamentalmente o lado normativo do agir humano enquanto um ser moral. “*No entanto, esse esclarecimento certamente pode servir de modo indirecto como orientação moral para os que pretendam agir racionalmente no conjunto da sua vida*”<sup>23</sup>. O Ubuntu, “como conceito e experiência está ligado epistemologicamente ao *umuntu*”<sup>24</sup>. Isto é, do *umuntu*<sup>25</sup> podemos chegar as categorias da moralidade *Ubuntu*. A Ética Ubuntu, neste sentido, antes de ser uma ética comunitária, é primeiramente singular ou pessoal, não obstante a pessoa tenha nascido dentro de uma comunidade, onde sofre os processos de interculturação.

De ponto de vista ontológico, queremos dizer que, *Ubu- como ser-sendo encoberto está sempre orientado em direcção ao descobrimento, isto é, manifestação concreta, contínua e incessante por meio de formas particulares e modos de ser. Neste sentido, ubu- está sempre orientado em direcção a -ntu*<sup>26</sup>. Propomos neste ponto de reflexão, a necessidade do equilíbrio entre a racionalidade individual e colectiva do Ser (Ubu). Colocamos assim, as balizas alternativas da nossa reflexão sobre a problemática da ética Ubuntu: ética na perspectiva do *umuntu* e ética na perspectiva do *Ubuntu* como resultado de um dever. Ademais, segundo Susana Cadilha<sup>27</sup>, “mesmo que não queiramos ir tão longe, temos pelo menos que admitir que um juízo moral suscita problemas específicos”, é sobre esses problemas específicos da pessoa que do ponto de vista moral a ética Ubuntu deve responder como colectividade, sem descorar da pessoa na sua singularidade.

Na primeira perspectiva, a ética *umuntu*, seria a primeiramente pessoal conforme afirmamos acima, isto é, não pela origem das normas, mas sim pela origem da consciência, como resultado do experienciado colectivamente e que não deixa de ser primeiramente individual de ponto de vista ontológico. Para Ramose<sup>28</sup>, “ontologicamente, o ser é manifestação da multiplicidade e da diversidade dos entes. Essa é a pluriversalidade do ser,

---

<sup>23</sup> CORTINA & MARTÍNEZ (2005).

<sup>24</sup> RAMOSE (2002)

<sup>25</sup> *umu- tende em direcção ao mais específico. Em conjunto com -ntu, então umu- torna-se umuntu.*

(idem)

<sup>26</sup> Idem

<sup>27</sup> CADILHA Susana (2011), “Em defesa da meta-ética”. In: MIGUENS, Sofia e CARDILHA, Susana. “Acção e Ética”: Conversas sobre racionalidades Praticas. Ed. Calibri, Lisboa .,

<sup>28</sup> Cfr. RAMOSE (2011)

sempre presente. Para que essa condição existencial dos entes faça sentido, eles são identificados e determinados a partir de particularidades específicas.”

Delimitadas as balizas epistêmicas no ponto anterior, “*pensamos que a filosofia ubuntu-africana aparece com um horizonte teórico que dá uma certa consistência na justificação ontológica, epistemológica e ética para a subjectivação, ou melhor, para o movimento da subjectivação*”<sup>29</sup>. Ela [Ética Ubuntu], deve servir como alternativa quando aparece *como uma afirmação-constitutiva do eu (subjectivação-constitutiva)*<sup>30</sup>. Queremos dizer que a tese de que a ética é primeiramente pessoal e depois colectiva ou social, deve fundamentar o princípio segundo o qual a pessoa na comunidade não é apagada pela objectivação do *umu-* pelo *Ubu-*, o Ubuntu deve ser uma categoria de pensamentos, princípios e valores que defendam a necessidade *de uma Philosophy of Life baseada em «valores africanos»*<sup>31</sup>. Que valores? Baseados nas ideias da uma consciência ética individual e consciência ética comunitária.

*Consciência ética individual:* o Ubuntu deve ser uma chamada de consciência individual, o Ser comunitário não é a condição *sine qua non* do meu desligamento com as minhas responsabilidades e deveres éticos particulares, presença do *umuntu*<sup>32</sup> é a condição da construção ética do *Ser*<sup>33</sup> ubuntiano.

*Consciência ética comunitária «valores compartilhados»*<sup>34</sup>: que consistem segundo CASTIANO (2013), num “*ubuntuismo* que tem a sua agenda constituída por debates em torno do ensino em línguas maternas, educação multicultural, educação religiosa, currículo adaptado, etc.”; [e não só]. A consciência ética comunitária seria para nós o palco da preservação e exercício dos valores sociais, é neste palco que a experiência das consciências individuais exercitariam aquela ética primeiramente pessoal, que debatida e em comunidade de tornaria uma ética social, o que denominamos na epígrafe deste ponto por ética alternativa. Estes espaços de intersubjectivação seriam; as academias, a ideia da filosofia na rua, redes sociais das TIC's, entre outras. Diríamos assim, que:

A filosofia africana profissional tem a responsabilidade epistêmica de se abrir para o conjunto de saberes de natureza filosófica sugerida pelas tradições africanas [...]. quando falamos de responsabilidade epistêmica queremos referir-nos à necessidade e o dever que a filosofia africana profissional tem em construir e, em muitos casos,

---

<sup>29</sup> CASTIANO (2013, 147).

<sup>30</sup> Idem

<sup>31</sup> Idem

<sup>32</sup> *umuntu* postula *ubuntu* como sua categoria normativa básica da ética (RAMOSE, 2013).

<sup>33</sup> Ser ontológico

<sup>34</sup> Ibidem, 149

inventar espaços de intersubjetivação nos quais os sábios das filosofias tradicionais possam fazer circular e desenvolver as suas posições críticas e, sobretudo, as suas utopias sociais (CASTIANO, 2010: 222).

A alternativa Ética Ubuntu, como modelo e categoria de pensamento deve fundamentar-se num princípio moral que tome em cota as particularidades e, as mesmas, devem fundamentar-se na colectividade. Isto é, deve ser um modelo *de integração no respeito da dignidade e das particularidades de cada pessoa em grupo*<sup>35</sup>. O significado comunitário do Ubuntu só tem fundamento dentro de uma consciência ética individual, quer no sentido grupal – *umuntu*, quer seja no sentido geral – *Ubuntu*.

### Notas conclusivas

A ideia do presente texto é argumentar o seguinte: (i) a Filosofia Ubuntu como fundamento de intersubjectivação não pode caminhar sem *metodologias próprias*<sup>36</sup>, isto é, sem criar categorias de pensamentos ou escolas de pensamento que legitimem o saber propriamente Ubuntu; (ii) a ética é primeiramente particular e depois comunitária/ social, neste sentido, os modelos éticos universais do Ubuntu devem partir da categoria filosófica africana baseada no *umuntu*, não se pode descorar dos saberes particulares como fontes de um saber representativo de uma comunidade representada pelo indivíduo (consciência ética individual ou *sábios filósofos*<sup>37</sup>).

A consciência ética comunitária é para nós uma alternativa ética universal quando visto como palco dos experimentos e exercícios filosóficos da escola filosófica Ubuntu, onde *sábio-filósofo* tem lugar como referência de superação dos paradigmas de objectivação e subjectivação. O sábio filósofo é um indivíduo cujo seu saber, apesar de particular é contextual, resultado de um processo de conversão do *umuntu* para *Ubuntu* rumo a intersubjectivação.

---

<sup>35</sup> NGOENHA, S. E. & CASTIANO J. P (2011, 70)

<sup>36</sup> Os momentos pré- paradigmáticos são caracterizados, segundo Kuhn, por debates profundos e frequentes e profundos a respeito dos métodos, problemas e padrões de soluções legítimas oferecidos pelos paradigmas anteriores. (CASTIANO, 2011: 167)

<sup>37</sup> O sábio-filósofo pode saber, tal como o sábio do povo (folk-sage), quais são as crenças fundamentais e as sabedorias da sua comunidade. Mas ele faz uma avaliação crítica e independentemente do que o povo toma por certo ou verdadeiro. Assim, enquanto a sagacidade do sábio popular permanece na primeira ordem do nível de filosofia, a do sábio-filósofo é a segunda ordem da filosofia, isto é, é uma reflexão sobre e uma avaliação racional do que é dado na primeira ordem. O que é dado na primeira ordem é mistura das práticas e crenças convencionais costumeiras (ORUKA, 1990: 28).

## Referências

CASTIANO, José P. Referenciais da Filosofia Africana: Em busca da Intersubjectivação. Editora Ndjira, Maputo, 2013.

CORTINA Adela; MARTÍNEZ Emílio. Ética. Traduzido por Silvana Cobucci Leite, São Paulo: Ed. Loyola, 2005.

GIL, Fernando. Tratado da evidencia. Trazido por Maria Bragança, Ed. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Porto, 1995.

MBEMBE, Achille. O despertar da grande noite: ensaios sobre a África descolonizada. Tradução Narrativa traçada, Edição MULEMBA, Luanda, 2014.

NGOENHA, S. E. Ubuntu: Novo modelo de justiça glolocal? In: NGOENHA, S. E; CASTIANO, José P. Pensamento engajado: ensaios sobre a filosofia africana, educação e cultura política. Editora Educar, Maputo, 2011, p. 68-84.

NGOENHA, S. E. Intercultura, Alternativa a Governação Biopolítica. Editora. I. S.E. D, Moçambique, 2013.

NGOENHA, S. E.; CASTIANO J. P. Pensamento engajado: Ensaio Sobre Filosofia Africana, Educação e Cultura Política. , Editora Educar, Maputo, 2011.

ORUKA, Henry Odera. Sage Philosophy: Indigenous Thinkers and Modern Debate on African Philosophy. New York, E.J.BRIL, 1990, p. 27-38.

RAMOSE, Mogobe B. Globalização e Ubuntu. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). Epistemologias do sul. Edições Almedina, Coimbra – Portugal, 2009, p. 135-176.

RAMOSE, Mogobe B. Sobre a legitimidade e o estudo da Filosofia Africana. Traduzido por Dirce Eleonora Nigro Solis et all. In: RAMOSE Mogobe B. Ensaio filosófico, v. IV, p. 6-25. Pretoria: University of South Africa, 2011.

RAMOSE, Mogobe B. A ética do ubuntu. Tradução para uso didático de: RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen, 2013.

TUNHAS, Paulo. O pensamento e os seus objectos: Maneiras de pensar e sistemas filosóficos. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012. (MLAG Discussion Papers, v. 5).

VALLS, Álvaro L. M. O que é ética. 9 ed.. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.